



SEÇÃO ENTREVISTA

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA E A PUBLICAÇÃO NA GRADUAÇÃO COMO MEIOS DE QUALIDADE NA FORMAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

JOSÉ ROBERTO RUS PEREZ

O tema da qualidade da formação profissional há muito tem dirigido as políticas educacionais e influenciado nas matrizes curriculares dos cursos de graduação no país. Contudo, a questão extrapola este espaço e envolve, cada vez mais, as experiências extraclases. Deste modo a extensão, pesquisa e publicação universitárias assumem papel relevante para a melhoria do ensino.

Nesta entrevista o Professor e Pesquisador Livre Docente José Roberto Rus Perez nos fala da importância da pesquisa e publicação na formação de ensino superior. Seu relato de 30 anos de experiência no Núcleo de Estudos em Políticas Públicas (NEEP/UNICAMP) evidencia alguns pontos fundamentais para que o ensino de graduação experiencie a pesquisa e divulgação, através da publicação, como pilares de sustentação do bom ensino. Ele também demonstra a estreita relação entre a formação na graduação e as dificuldades vividas na pós-graduação no país, sobretudo pela carência da pesquisa que é, sempre, tão necessária ao trabalho do profissional no mercado ou no setor público, na licenciatura ou no bacharelado.

Cabe ressaltar também que o professor José Roberto Rus Perez é membro do Conselho Consultivo Nacional da Revista **Eventos Pedagógicos** – REP's.

Lucio José Dutra Lord

1 - Qual a sua opinião sobre os desafios atuais para a iniciação científica e a publicação já na graduação?

A formação na academia tem como um dos seus princípios a ideia de que o aluno tem que pesquisar e aprender a raciocinar. E isto não se dá por meio da aula e da prova, mas vai muito além. As nossas universidades, públicas ou privadas, têm uma grade curricular que absorve o dia todo do aluno de modo que ele tenha que passar o tempo sentado vendo o

professor dar aula. É como se a gente achasse que nossos alunos não tenham a possibilidade de escolha, a oportunidade de procurar outra atividade, como se tudo que ele fosse fazer fora não importasse pois ele só terá coisas boas quando estiver na frente do professor em sala de aula. E vale a pena lembrar que, cada vez mais, o professor tem diante de si um número grande de alunos, geralmente mais que cinquenta. Então este é um ponto importante, pois a gente não dá autonomia para o aluno. Assim, a ‘iniciação científica’ possibilita que o aluno busque os vários grupos de pesquisa e que no dia-a-dia, na prática, no fazer a pesquisa ele vá aprendendo a fazer. Ele não vai decorar o que o professor deu ou o que leu no livro. E ele aprenderá algo básico de pesquisa que é o fato dela ser coletiva. Pois não existe pesquisador sozinho na sua sala produzindo. A pesquisa se dá em grupos que discutem. Eu não titubearia em dizer que hoje a pesquisa por meio da iniciação científica está um pouco esquecida ou distorcida na sua compreensão por vários motivos. A forma como se avalia ou se prioriza a atividade do docente, a publicação de artigos em detrimento das orientações, e isto leva com que os professores não se preocupem muito com o trabalho em equipe, priorizando, lamentavelmente, o trabalho individual e publicação do artigo. Porque o trabalho de formação de alunos, com orientação de pesquisa em grupos, é um trabalho de ‘formiguinha’. É trabalhoso e demanda muito do professor e, de imediato, não surte um produto que seja quantificado nos relatórios de avaliação. Veja que é no embate da posição de alunos de diversas áreas que surgem boas discussões. Então seria interessante reunir alunos de diversas áreas no grupo, para se ter interdisciplinaridade, pois isto possibilitaria o enriquecimento do aluno, da formação dele, do grupo e do professor. E como resultado eu considero que estaríamos formando bons alunos que vão se encaminhar naturalmente para a pós-graduação, que farão mestrado, que farão doutorado, ou que sairão para as diversas áreas e terão um espírito crítico, e mesmo aqueles que trabalharão com a docência, serão professores diferentes porque tiveram uma formação que não foi só aquela livresca da sala de aula. Eles terão uma outra formação que é prática, que é empírica, que é por a mão na massa. Na minha experiência de vinte e cinco anos no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas na UNICAMP sempre tivemos alunos de graduação de diferentes áreas do conhecimento envolvidos nos projetos de pesquisa básica e aplicada e que depois de formados foram fazer pós-graduação e/ou que viraram excelentes profissionais. Então a universidade tem que valorizar e tem que criar estes espaços. Um outro resultado deste trabalho em grupo é a ‘publicação’. Publicar não significa a publicação individual do aluno, e sim a publicação do grupo. Isto hoje é muito comum nas áreas como a física, nas áreas das exatas. Mas nas ciências humanas ainda é muito difícil, porque prioriza o professor que sozinho publica seu artigo. E perdemos de ter bons

produtos resultado do coletivo em que o aluno aprenderia a redação científica que não é tão simples. Normalmente não temos na graduação uma disciplina que ajude a escrever o artigo científico que não é simples, não é uma redação. E isto no grupo se torna mais fácil, para que o aluno possa desenvolver. Mas novamente aí é um trabalho a mais para o professor, para o coordenador, para o docente, para o pesquisador. Ele sentar sozinho e escrever um artigo é uma coisa. Sentar com um grupo que está aprendendo é outra. E o meu trabalho e a minha formação foi sempre desenvolvido, nestes anos todos, com muito trabalho de iniciação científica, com muita bolsa de pesquisa, ou com alunos que vinham trabalhar com pesquisa, e também na pós-graduação *strictu sensu*. E o problema não é só na graduação, pois ele se transforma em problema da pós-graduação. Estamos nos encaminhando para uma pós-graduação baseada na sala de aula: o aluno vem à sala de aula, assiste aula e vai embora. Ele não participa mais do grupo, ele não debate com os colegas. Então este modelo que na graduação chamamos de iniciação científica, na pós-graduação chamamos de dissertação ou tese. Mas, infelizmente, na pós-graduação também está transformando num mero trabalho livresco, um texto acadêmico com pouca pesquisa.

2 - Tenho observado no primeiro semestre da graduação a dificuldade que os alunos têm de elaborar um texto. E fazer pesquisa significa propor uma visão de mundo, um conhecimento novo a partir de uma experiência nova. Mas o primeiro passo, para tanto, é definir o limite e entender o problema. Então temos o problema que é ‘saber o que é fazer pesquisa’ – que muitas vezes se confunde com buscar na *internet*. Então ‘o que é fazer pesquisa’ não está claro para estes alunos. E como temos a experiência de uma formação em região periférica do país, então este problema é maior ainda. E para a publicação o problema é maior ainda, pois além da dificuldade de entender o que é uma pesquisa, também não se sabe escrever. E não falo de escrever no modelo de um artigo, e sim da dificuldade de escrever realmente. E a dificuldade aumenta quando a questão é escrever de modo que seja identificável o objetivo, o problema de pesquisa, a metodologia, os dados, as análises e os resultados. E mais ainda é a dificuldade de relacionar as conclusões com o caminho da pesquisa, visto que algumas vezes a proposta inicial é alterada ao longo da realização da pesquisa. Penso que na minha Universidade também não temos o espaço necessário para a produção disto junto aos alunos. Mas quero destacar algo novo que vivencio hoje. No *Campus* em que eu trabalho, se observados os currículos dos professores da área de Educação antes da criação das duas revistas ligadas ao Curso de Pedagogia naquele *Campus*¹, muitos não possuem publicação ou

¹ Revista **Educação Cultura e Sociedade** (ECS) e Revista **Eventos Pedagógicos** (REP's).

possuem poucos artigos publicados em revistas científicas. Mas na medida em que surgem as duas revistas aqueles professores começam a ter publicação em revistas científicas, naquelas duas revistas do *Campus*. E isto aparece sobretudo com a Revista **Eventos Pedagógicos**, que tem sido alimentada pelos artigos resultantes das monografias dos acadêmicos do Curso de Pedagogia, sempre levando junto como coautor o nome do orientador. Então a publicação em maior volume dos professores são nesta revista. Ou seja, é a publicação resultante do trabalho de orientação. E isto se diferencia do diagnóstico geral da minha universidade e que você relata como um problema geral da formação universitária no país.

São importantes as revistas para publicação, mesmo que não tenham o ‘padrão CAPES’ exigido. E isto especialmente nas universidades que não estão no circuito do Sul ou Sudeste. Nós temos que abrir novos espaços. É claro que o ‘padrão CAPES’ é importante, e não se pode fugir dele, mas deve-se ir criando um espaço para a demanda. Eu acredito que um aluno e mesmo os professores possam publicar em outro meio de divulgação como a *internet* e os eventos científicos. O aluno pode se inscrever em congressos e seminários e levar algo, apresentar algo, e não somente assistir. Então não se trata somente da publicação em uma revista ‘A’, ‘B’ ou ‘C’. Penso que pode-se fugir um pouco e criar alternativas para os alunos. Porque isto é quase uma bola de neve quando começa a funcionar. A revista vai buscando a publicação pelos alunos, os alunos vão mandando artigos, os alunos vão escrevendo mais, vão para um seminário, vão para um evento, cruza com um aluno de outra instituição, conhece outra instituição. E é assim que se forma uma rede de pesquisa, uma rede de pesquisadores para não ficar isolado dentro de uma única universidade. E isto é importante sobretudo para as regiões que não estão dentro deste eixo sul-sudeste. E eu sempre me preocupo que esta produção seja voltada para entender o seu local, a sua região. Ela tem que refletir o seu entorno.

3 - Pensando na pesquisa na UNEMAT hoje, tem um aspecto que me parece interessante diante do que você está colocando. Quando nós professores trabalhamos com municípios no Estado do Mato Grosso, observamos que esta universidade tem um papel muito forte na formação dos recursos humanos, seja para a gestão pública mesmo, seja também para a iniciativa privada quando se trata das empresas. Então no segmento público ou privado, esta universidade forma o maior número de pessoas. E forma com diferencial, pois quando vamos para um órgão, como uma secretaria municipal de educação, são eles que estão lá. Então, pensando neste papel da UNEMAT nos municípios do Estado do Mato Grosso, qual a importância da pesquisa? Penso que a simples leitura de uma matéria de jornal exige uma

visão crítica. Este é o caso quando se fala de indicadores, pois temos a necessidade de questionar os indicadores. Hoje tem sido divulgado o aumento no índice de violência contra a infância. Mas tem aumentado a violência contra a infância ou a expansão dos órgãos que atendem este público revelam uma demanda reprimida? Há, então, uma diferença grande entre aqueles que analisam o texto entendendo como deve ser feita a análise das informações, e aqueles que simplesmente lêem. Então a pesquisa tem este papel bastante importante na formação da crítica pelo leitor. Outro ponto também importante é quando observamos o licenciado, o professor que vai para a escola e assume nesta instituição o trabalho de desenvolver uma pesquisa com os seus alunos. Mas se ele não sabe fazer pesquisa, se ele não sabe como fazer questionário, ele já não consegue iniciar um bom trabalho com seus alunos. Esta elaboração de questionários, bem como sua aplicação e tabulação, são pontos básicos da pesquisa e que a iniciação científica na graduação pode resolver. Ou seja, a escola é muitas vezes chamada a apresentar seus indicadores. Mas se não temos na escola profissionais que entendam minimamente de pesquisa, não conseguimos confiar nos indicadores.

E esta é a questão fundamental, porque você mesmo já disse, temos que deixar muito claro para os alunos que ‘pesquisa’ não é entrar no **Google**. Aqui temos que reafirmar a importância da pesquisa, neste mundo cheio de dados, cheio de informações, é ela que permite que eu me posicione, que eu interprete, que eu saiba achar a melhor informação. Então a pesquisa se diferencia de olhar os dados. Ela é quem permitirá a procura e seleção dos dados, a correlacioná-los, a dar-lhes significado social – que é nosso caso nas ciências humanas. E este é um ponto importante, porque a maior parte das nossas universidades, como é o caso da UNEMAT que vai formar pesquisadores, mas sua prioridade não é esta. Ela precisa formar o bom profissional que vai atuar tanto no setor público como no privado. No que se refere ao setor público, em especial a educação, hoje eu parto do princípio de que precisamos ter professores que compreendam a realidade onde estão inseridos, que entendam que eles produzem conhecimento. Pois esta produção não se dá só na universidade. O professor que discute com os alunos, que discute inclusive sua metodologia, está construindo conhecimento. E com isto rompemos a ideia tradicional de que se vai à universidade buscar o novo, restringindo o papel do professor na escola a reproduzir. Se quebrarmos este sentido de conhecimento numa mão só, teremos este profissional na escola, que será bem formado em pesquisa, em interpretação dos dados. E acho que seria importante, ainda falando da área setorial da educação, pensar não só na formação de um professor de área específica, como matemática, mas pensar em um professor que também será gestor, ou que será o professor coordenador, ou será o diretor da escola. Porque neste caso, os professores com boa formação

para tal conseguiriam repensar e reorganizar estas escolas. E elas seriam um espaço de produção de conhecimento. E mais do que isto, pois se ele aprendeu na sua formação a ler e a escrever, então irá para a escola produzir a escrita. Isto porque hoje as nossas escolas não escrevem. Mas deveríamos produzir na escola esta escrita, que lhes permitirá produzir e registrar suas boas experiências, que elas sejam divulgadas. Mas daí seria importante que as secretarias municipais ou estaduais de educação tivessem suas revistas, que os professores tivessem órgãos de divulgação para publicar os textos, artigos e experiências daqueles professores que estão em sala de aula. Pois não precisamos de revistas somente para publicar artigos inovadores, de ganhadores de Prêmio Nobel. O que precisamos é da divulgação de boas experiências.

4 - Qual tem sido a experiência hoje dos programas de pós-graduação, quando recebem candidatos que não têm a experiência de uma iniciação científica e que não domina a escrita dentro do modelo que entendemos como científico para a academia?

Nos últimos anos isto se tornou um problema para enfrentarmos porque uma boa parte dos alunos vem sem ter uma iniciação científica, sem conseguir elaborar um problema de pesquisa. E muitas vezes o que eles trazem não é um objeto de pesquisa, não é uma pergunta, não é algo que lhe incomode. Eles só querem reafirmar algo que já conhecem. Eles já têm uma resposta e não buscam o novo. Muitas vezes o candidato vem com uma resposta já feita. Mas então não precisa pesquisar. Ele sequer sabe quais são os passos da pesquisa. E isto é difícil para nós professores do mestrado, porque o tempo de realização do mestrado foi reduzido e não conseguimos em um ano despertar o pesquisador. Então um programa de pós-graduação acaba optando por aquele candidato que já fez com o professor a experiência de uma iniciação científica. Porque ele já vem com a experiência para o mestrado. Ele já fez estes passos e em dois anos consegue desenvolver o mestrado. Hoje muitos alunos procuram o programa de pós-graduação sem saber fazer pesquisa, sem ter visto a pesquisa na graduação.

5 - Então este é um problema parecido com o que vivemos na graduação. Porque no primeiro ano da graduação precisamos fazer com que o aluno leia e entenda o que leu. E precisamos de mais um ano para fazê-lo escrever. E isto é algo que deveria ter sido solucionado no ensino médio. E temos muitos estudos feitos sobre a universidade mostrando que os dois primeiros anos da graduação tem sido dedicados a cumprir etapas do ensino médio, ensinando matemática básica, inglês básico, leitura e interpretação de texto em português. Então na pós-

graduação hoje se vive um problema que deveria ter sido solucionado na graduação que é experienciar a pesquisa, e os passos da investigação científica.

E penso que seria importante fazer também uma distinção, e isto sem avaliar que uma coisa seja melhor do que a outra, mas devemos ter a clareza de que temos, dadas as carências do nosso país, especialmente na área de educação, que podemos ter um mestrado para a pesquisa, preocupado em avançar no conhecimento, que está preocupado com as últimas metodologias de ponta. Mas precisamos também de um mestrado profissionalizante, ou de uma especialização, que forme bem aquele profissional que vai atuar no serviço, na sala de aula, na gestão das unidades. E este também terá a formação em pesquisa, mas não será necessariamente a pesquisa básica. As duas formações são importantes, mas com papéis distintos.

6 - Mas ele teria uma experiência na iniciação científica, que é a possibilidade um vez que o ensino superior hoje está mais democratizado, e que realmente recebemos nas escolas hoje somente profissionais com nível superior, então ofertar no ensino superior a iniciação científica e a experiência da publicação passa a ser fundamental para se ter um bom profissional em sala de aula. Isto independentemente da área na qual ele atue.

Sim. Porque assim conseguiremos transformar lá na escola. Ele deixa de ser um professor simplesmente tarefeiro, que muitas vezes sequer entende que pode produzir conhecimento, e sequer escreve. E olhe que as escolas não escrevem, não têm registro, não conseguem guardar a memória das suas produções e dos trabalhos que foram bem sucedidos. As escolas não conseguem analisar seus indicadores, nem mesmo produzir para a comunidade. A escola básica não é uma universidade, mas é um espaço que também produz conhecimento.

Campinas, 04 de agosto de 2014.